



ATENÇÃO: Textos que circulam pela internet, usando o nome de Joelmir Beting, são colagens ou pastiches que aproveitam, sem autorização, partes de comentário antigo, misturando-as com considerações inadequadas e deselegantes. Trata-se, portanto, de mensagens covardes e apócrifas, que devem ser repudiadas e deletadas por quem as recebe.



faróis de neblina

tendências, cenários e previsões

- análise do dia
- secos & molhados
- cabeças & sentenças
- faróis de neblina
- botocúndia s.a.
- idéias
- do leitor
- perfil
- busca
- fale conosco

42,5 MILHÕES DE MISERÁVEIS

Saiu mais um estudo coordenado pelo professor Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da FGV. Sob o título de Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real, nele, se estima em menos de 23% da população o número de pessoas que, em 2005, viviam abaixo da linha da miséria. Ou 42,5 milhões de brasileiros - o menor patamar desde que a pesquisa começou a ser feita, há 13 anos.

No ano passado, eram considerados miseráveis 16,22% das pessoas que viviam nas metrópoles, 20,37% das que viviam nas cidades e 45,74% dos que viviam no campo. Em 1993, essas fatias eram maiores: 21,01% nas metrópoles, 31,52% nas áreas urbanas e nada menos de 63,67% nas áreas rurais.

Explica a FGV ser considerada condição de miséria a situação vivida pela parcela da população que tem renda per capita inferior a R\$ 121 a preços atuais, na Grande São Paulo, ajustada por diferenças regionais de custo de vida.

O estudo analisa e compara a evolução das séries de pobreza desde 1992, quando o novo questionário da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) foi estabelecido pelo IBGE. Essa análise indica duas marcadas mudanças de patamar nesses anos. Em primeiro lugar, no biênio 1993 a 1995, a proporção de pessoas abaixo da linha da miséria caiu de 35,3% para 28,8% da população brasileira. Foram os tempos do Plano Real.

Daí até 2003, o ritmo de queda perdeu intensidade e, em 2003, a miséria ainda atingia 28,2% da população. Segundo o estudo, intensificou-se ligeiramente, a partir de então, esse ritmo, que bateu em 22,7% no ano passado. Isso compõe uma redução acumulada de 19,18% entre 2003 e 2005, magnitude comparável à de 18,47% do período de 1993 a 1995, diz a FGV. br> Identificou-se, assim, uma aceleração quase insignificante no ritmo de queda do nível de pobreza, entre os 5,1% anuais do primeiro mandato do governo FHC, e os 5,2% dos três primeiros anos do governo Lula.

Lembra a FGV que a mudança de patamar da miséria observada no

período 1993 a 1995 esteve associada à implementação do Plano Real. E, de 2003 a 2005, a mudança se deve a fatores como o crescimento do emprego e da renda, o aumento no número de benefícios sociais, como o Bolsa-Família, o aumento de gastos previdenciários e os reajustes do salário mínimo.

O estudo também aponta diminuição no ritmo de crescimento da pobreza metropolitana, entre 2003 e 2005, depois de ter registrado aumento entre 1995 e 2003. Nas grandes metrópoles, cai de 22% para 16% o percentual de miseráveis entre a população, no período 2003/2005, e, segundo a Agência Brasil, Neri informa que "isso mostra uma certa reversão da crise metropolitana associada a piores indicadores de violência e de desemprego".

Na avaliação de Neri, continua a agência, "ao contrário dos anos anteriores, a redução da pobreza nas grandes cidades foi a principal locomotiva da retomada dos indicadores sociais. A partir dos dados da pesquisa, percebe-se que de 1993 para cá o Brasil já teria completado a Meta do Milênio de reduzir a extrema pobreza à metade, meta prevista para 2015". Ao concluir, o estudo indica que, nos 13 anos analisados, configurou-se a chamada crise metropolitana atual. Após a forte queda no chamado período de lua-de-mel com o Plano Real, quando a parcela de miseráveis que viviam em metrópoles cai de 22,16% para 15,07% da população, ela volta a subir até chegar em 21,25% dos brasileiros em 2003 - e volta a cair, chegando a 16,22% em 2005. Nas cidades em geral, refletindo as melhores condições das cidades de tamanho intermediário, nos 13 anos do estudo, registra-se a maior queda na parcela da miséria: 35,8%. Em 1993, a fatia de miseráveis nas cidades brasileiras era de 31,52% da população e no ano passado baixou para 20,37% do total. Nas áreas rurais, a queda da faixa dos miseráveis foi constante e em quase todos os anos do período, até nos anos mais difíceis, como os de seca no Nordeste, em 1998 e 2001. A FGV diz que esta queda continuada foi influenciada por políticas públicas especiais para o campo, notadamente os programas de transferência de renda. Dos 63,67% de miseráveis que vivem no campo em 1993, baixou-se para 45,74% em 2005, segundo a FGV.

(22/09/2006)

IMPRIMA ESTA NOTÍCIA

ENVIE ESTA NOTÍCIA POR E-MAIL

[SUPERÁVIT DO CAMPO: US\\$ 42 BI - 09/10/2006](#)

[OUTRA PREVISÃO: SAFRA DE 116,5 MILHÕES DE TONELADAS - 09/10/2006](#)

[A APOSTA: 120 MILHÕES - 06/10/2006](#)

[CONSUMIDOR OTIMISTA, DIZ A INDÚSTRIA - 06/10/2006](#)

[DIFERENTES, NÃO DESIGUAIS - 04/10/2006](#)

[O MENU DO BRASILEIRO: E A CONTA - 04/10/2006](#)

[BAIXANDO A CRISTA - 03/10/2006](#)

[NOVA META: US\\$ 135 BI NA EXPORTAÇÃO - 02/10/2006](#)

[AS MANCHETES - 01/10/2006](#)

[PORTABILIDADE, A QUESTÃO - 29/09/2006](#)